

pièces. On peut dire la même chose à propos des réflexions d'I. Coombs³² qui paraissent un an après l'étude de R. Gay-Crosier. Quatre ans plus tard vient le travail d'E. Freeman³³ et ensuite, pendant de longues années, rien du tout si l'on excepte quelques thèses de doctorats³⁴, toutes déjà anciennes.

Il faut y ajouter que ce sujet revient systématiquement, on en parle, on l'oublie et on y revient après un certain temps. De temps en temps, on organise des colloques internationaux comme en juin 1982, celui de Cergy-la-Salle, dirigé par J. Lévi-Valensi et R. Gay-Crosier ou le colloque à l'Université de Paris X-Nanterre du 5 au 7 juin 1985 ou le dernier intitulé „Camus et le théâtre” tenu à Amiens du 31 mai au 2 juin 1988 organisé par la Société des études camusiennes sous la direction de Jacqueline Lévi-Valensi. On voit bien que le problème existe. Néanmoins, à notre connaissance, aucune étude n'apporte de contribution valable aux critères théâtrologiques. C'est un travail qui reste à effectuer mais il demande une analyse détaillée de l'ensemble de l'oeuvre théâtrale de Camus.

Mirosław Jawor

Observações sobre o carácter missionário da *Carta sobre o achamento do Brasil de Pêro Vaz de Caminha*

1. Introdução

O período inscrito nos séculos XV e XVI proporcionou ao europeu desafios que exigiram novos modos de proceder, situações que abalaram a validade de todo o sistema de comportamentos rotineiros, e hierarquia de valores tradicionais. Neste contexto, é óbvio que aos ibéricos cabia um papel particular pois, avançados na arte de navegar e instalados na margem da civilização europeia, alargaram as suas perspectivas geográficas e culturais, quebrando o isolamento, estabelecendo contacto com outros povos.

Ao falarmos acerca das razões que impeliam os espanhóis e os portugueses a realizar a tarefa de „dar novos mundos ao mundo”, torna-se imprescindível atentar a acção conjugada de dois factores que, de maneira simbólica, podem ser designados como „Cruz e Coroa” (respectivamente: aspecto religioso e elemento político-económico). Em relação à sociedade europeia e portuguesa da época, justificar-se-á ainda o emprego do adjectivo „cristão” sem que isso implique porém a questão de qualidade. Sendo o cristianismo a ideologia dominante, a propagação da fé, um dos deveres impostos pelo meio socio-cultural, ocupa, desde muito cedo, o lugar de destaque nas expedições efectuadas pelos navegadores ibéricos. Em Portugal, esse espírito missionário reforçado pelo simples desejo de competir com outras grandes religiões, pode ser comprovado em várias obras literárias. Por exemplo, Gomes Eanes de Zurara¹ menciona entre as

³² I. Coombs, op.cit.

³³ E. Freeman, *The Theatre of Albert Camus. A critical study*, Methuen and Co, 1972.

³⁴ Bernard Julien, *Albert Camus et l'adaptation théâtrale*, Lyon 2, 1973.

Dominique Durvin, *Recherches sur les éléments de la mise en scène dans quelques oeuvres théâtrales d'Albert Camus*, Paris 4, 1976.

Fatiz Al Kurdi, *L'incommunicabilité dans l'oeuvre dramatique d'Albert Camus*, Lyon 2, 1983.

¹ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos Feitos da Guiné*, Lisboa 1949, pp.43-47.

cinco razões que motivaram Infante D. Henrique a de „acrescentar a Santa Fé”. Duas outras: a de conhecer o reino de Preste João e a de estimar a verdadeira potência dos árabes, inimigos no campo militar e religioso estão também profundamente enraizadas na ideologia cristã. Acerca dos compatriotas, Gil Vicente emprega o termo „Alfarses da Fé”. Diogo de Couto afirma com autoridade que „Os reis de Portugal sempre procuravam na conquista do Oriente (...) os dois poderes espiritual e temporal que um não pudesse (...) ser exercido sem outro”. António Vieira, quando o período heróico dos primeiros descobrimentos já tinha passado, lembra ao jovem rei que „o reino de Portugal tem por seu objectivo particular e especial a propagação e a extensão da fé”.²

Na „Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil” de Pêro Vaz de Caminha destacam-se os elementos que revelam o empenhamento religioso e, sobretudo, o missionarismo do próprio autor, da sua tripulação e dos comandantes. A realidade da Terra da Vera Cruz (Brasil) é descrita não apenas do ponto de vista de um cristão mas também de um missionário (no sentido em que cada cristão tem de missionar e de propagar a sua fé), distante da defesa de posições de etnocentrismo estreito e intolerante. A abertura entusiasta de Pêro Vaz de Caminha ao que podia observar no meio tão diferente do seu, ligada com os valores estéticos do estilo, faz com que a sua única obra (pelo menos a única que chegou até nós) desperte um interesse particular, superior ao por outros documentos que provêm quase da mesma altura.

2. Caminha face ao ameríndio

A armada de Pedro Álvares Cabral inaugurou a sua viagem com o intuito de seguir o caminho de Vasco da Gama para a Índia (não vamos discutir o problema de intencionalidade da chegada à Terra da Vera Cruz) no dia 9 de Março de 1500. Antes da partida, a tripulação assistiu à missa que, na dimensão espiritual, abriu a aventura. Apesar de no relato de

² Frases e termos citados por M. Ema Tarracha Ferreira em *Literatura dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa*, Lisboa 1993, pp. 20-32.

Caminha não constarem provas disso, baseando-nos noutros documentos relativos às viagens quinhenistas dos portugueses, podemos supor que os marinheiros (e também os de Cabral) prestavam atenção ao culto.³ Tendo entre si alguns frades, as missas constituíam pontos nodais da estadia da tripulação de Cabral na Terra da Vera Cruz, como adiante veremos.

No segundo dia, os portugueses avistaram os primeiros índios pertencentes à tribo Tupi. Do seu aspecto somático „Carta” de Caminha oferece descrições minuciosas. O autor, consciente ou inconscientemente, figura-se como representante da realidade cultural radicalmente diferente e, conjuntamente, como mentor da ideologia cristã. A importância atribuída à nudez, elemento primordial do retrato do índio, ultrapassa o nível da expressão de uma simples surpresa. Até o período da exploração das novas terras, o europeu contentava-se com a ideia que as zonas equatorial e tropicais eram habitadas exclusivamente por monstros. Oikoumêne (território em que vivia o género humano) estava reduzida ao espaço estendido da China à costa atlântica da Europa e incluía apenas as zonas setentrionais da África. No entender de Caminha, o indígena americano, a despeito de certas diferenças evidentes, às vezes chocantes, devia ser considerado como adamita, igual a cada um dos membros da tripulação de Cabral:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos (...). Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador.⁴

Tendo sido descritos elementos da configuração externa, como a cor da pele e os adornos, Caminha observa que nenhum dos índios era „fanado” o que quer dizer „circunciso” — „Então estiveram-se de costas na alcatifa a dormir, sem buscarem maneira de encobrir suas vergonhas, as quais não

³ Luís Filipe Barreto, *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber*, Lisboa 1987, p. 23.

⁴ *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, Lisboa 1987, p. 65.

eram fanadas".⁵ Justificado será considerar neste ponto que o escrivão de Cabral recorre à comparação com os negros influídos pelo Islão, por isso submetidos ao rito da circuncisão, que viviam na parte da costa ocidental africana explorada pelos portugueses. Alfredo Margarido sugere que os portugueses, visando a propagação da sua religião, estabeleceram uma espécie de hierarquia em função do nível de dificuldades a suplantarem na evangelização de um povo.⁶ Obviamente, tinham de fazer face a enormes problemas quando tentavam converter os muçulmanos. Porém, aperceberam-se do facto de o Islamismo dos africanos ser muito superficial o que facilitava a sua tarefa. Aqui devemos mencionar de novo Alfredo Margarido numa pertinente observação acerca da falta de debate no campo teológico com os maometanos. Os cristãos que não sabendo definir padrões da fé muçulmana partiam simplesmente do princípio da indiscutível falsidade de outras religiões.⁷ Os índios com quem os marinheiros de Cabral estabeleceram contacto surgiam a Caminha como uma etnia facilmente de evangelizar porque, como refere, nem islamizada, nem „nenhuma idolatria, nem adoração têm”.⁸ Diríamos que para este autor, os Tupi ocupavam uma posição privilegiada na classificação acima proposta, constituindo uma tabua rasa, onde bastava deitar o semente da fé para recolher logo fruto. O optimismo acerca da fácil evangelização dos indígenas expresso pelo porta-voz dos portugueses foi plenamente justificado pelo comportamento dos primeiros. Caminha dá-se muito cedo conta do carácter não agressivo das suas armas:

⁵ *Ibidem*, p.68.

⁶ Alfredo Margarido, *La Vision de l'autre (Africain et Indien d'Amérique) dans la Renaissance Portugaise*, In: *L'Humanisme Portugais et l'Europe-Actes du XXV Colloque International d'Etudes Humanistes*, Paris 1984, p. 540.

⁷ *Ibidem*, p.542.

⁸ Pêro Vaz de Caminha, op. cit., p. 96.

Um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com seus arcos e setas, mas de nada lhes serviam. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa.⁹

Na terceira noite da presença portuguesa na Terra da Vera Cruz, o capitão organizou uma festa em que participaram os índios. Poder-se-ia por conseguinte deduzir que na confiança se baseavam as origens das relações entre representantes dos grupos humanos tão diferentes e situados em polos civilizacionais tão radicalmente opostos. Não obstante, é indispensável observar que os índios expulsaram da sua aldeia um degradado aí por Cabral enviado e que no dia antecedente à partida, os portugueses, pondo-se em contacto com os indígenas, manifestaram reserva, talvez um certo receio:

Acarratavam dessa lenha, quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos batéis. Andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andávamos entre eles.¹⁰

Os índios revelaram porém mais prontidão para se immanar. Como exemplo, mencionemos aqui o facto de alguns se terem acostumado ao vinho e à comida europeia que quando oferecidos pela primeira vez, lhes pareciam inconsumíveis. Justapunhamos, para melhor ver esta transformação, dois fragmentos que a reflectem:

Deram-lhes de comer: pão e peixe cozida, farteis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e se alguma coisa provavam, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça mal lhe puseram a boca, não gostaram nada, nem quiseram mais.¹¹

⁹ *Ibidem*, pp. 64-65.

¹⁰ *Ibidem*, p. 90.

¹¹ *Ibidem*, p. 67.

Comiam comosco do que lhes dávamos. Bebiam alguns deles vinho, outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem, o beberão de boa vontade.¹²

Portanto, a mútua confiança, condição sine qua non da eficácia da acção de pôr os índios no caminho da salvação foi geralmente cumprida, mas com algumas cautelas. A ideia concebida pelo entusiasmado Caminha de uma presunpta ingenuidade ou a inocência dos Tupi teve o seu princípio na não-existência de qualquer confusão entre eles que fosse originada pela falta de roupa e a nudez das partes pudendas. A nudez dos indígenas, no parecer do autor da "Carta", seria o vestígio da inocência original dos primeiros representantes do género humano, livres do pecado. A pureza moral juntaria-se obviamente à virgindade civilizacional. O carneiro, a galinha causaram um grande espanto, a comida europeia também não foi aceite no início. Segundo Caminha, os índios não se preocupavam com os problemas de natureza mais trivial:

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra animalia, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e os árvores de si lançam.¹³

Tudo o que estivesse ligado às necessidades básicas do homem (por exemplo a procura dos alimentos) é alheio ao índio capaz, apesar de tudo, de levar uma vida feliz. Também a organização hierárquica parecia nada ter a ver com o modo de funcionar da sociedade ameríndia. Ao serem recebidos pela primeira vez num navio português, os indígenas nada ligaram aos enfeites (colar de ouro, alcatifa) que pretendiam sublinhar o papel da autoridade suprema assumido pelo capitão da armada.¹⁴

Podemos então concluir que ao relacionador o índio da Terra da Vera Cruz surgia puro a três níveis: religioso (falta de crença), civilizacional (falta de actividade agrícola), e social (não-conhecimento de repartição

¹² Ibidem, p. 89.

¹³ Ibidem, p. 91.

¹⁴ Ibidem, p. 66.

hierárquica do poder). Isto tornava-o facilmente influenciável, sobretudo no contexto da futura evangelização. Existindo como um bom selvagem, o índio estava isento dos vícios que afastavam o europeu civilizado do estado de união perfeita com Deus. Imprescindível será acrescentarmos que Caminha neles observou ainda mais uma qualidade favorável ao processo da cristianização, nomeadamente, uma excepcional capacidade de imitar gestos e comportamentos. Vamos adiante tratar este problema com mais pormenores.

A comunicação entre os portugueses e os índios devia realizar-se a um nível extralinguístico, pois um grupo desconhecia o idioma do outro. Portanto, Caminha teve de limitar-se a um exame superficial do aspecto somático dos índios, das suas actividades, e à leitura dos seus gestos. Em visto disso, a tese sobre a extrema subjectividade das declarações de Caminha é sem custo aceitável. Para rematar, convém lembrarmos a frase pronunciada pelo autor: "Isto tomávamos nós assim por assim o desejá-mos"¹⁵ o que sugere que, às vezes, os portugueses interpretavam a realidade em função das suas necessidades, sem se preocuparem muito com a objectividade. Era natural que os índios também vissem o mundo com os seus olhos ingénuos:

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhe dessem, folgeu muito com elas e lançou-as ao pescoso. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e para o colar do capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.¹⁶

Para os europeus objecto de culto, o rosário era apenas um adorno do ponto de vista dos índios.

A impossibilidade do estabelecimento das relações verbais entre ambas etnias e o problema da equívocidade que desviava a comunicação através de gestos, jogos de visibilidade¹⁷ e outros substitutos da língua con-

¹⁵ Ibidem, p. 68.

¹⁶ Ibidem, pp. 67-68.

¹⁷ Termos empregados por Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*, Lisboa 1983, p. 178.

situáam obstáculos dificilmente ultrapassáveis para os portugueses como propagadores da fé cristã. Segundo costume, explorando uma terra nova, os portugueses adoptavam simultaneamente dois meios de actuar no intuito de aprender uma língua local: enviar degradados para viverem entre os indígenas e captar ou convidar alguns destes últimos com o fito de os transportar para a Europa. O carácter pacífico, até amigoso, dos habitantes da Terra da Vera Cruz inspirara tal confiança que Cabral não achou útil levar qualquer índio para Portugal, convencido de que a estadia dos degradados antecederia a chegada dos missionários, bastaria para preparar terreno à boa nova cristã.

Na leitura atenta da „Carta” é evidente a necessidade de salientar, quanto à periodização e descrição dos contactos entre a tripulação de Cabral e os índios, o papel das missas e o da cruz. A época do ano litúrgico (Pascocela) tinha posto a cruz numa posição privilegiada, tendo até o seu reflexo no primeiro topónimo atribuído ao futuro Brasil. Nos ofícios que precediam a partida, quer dizer na fase pré-inicial da viagem, a bandeira da capitania foi abançoada com a cruz para garantir a graça divina a todos os marinheiros.¹⁸ A cruz talhada e erguida depois do desembarque tinha de despenhar não só a função do primordial símbolo religioso. Ligada ao principal padrão da fé católica - morte e ressurreição (árvore da vida) de Jesus Cristo, que, crucificado, abrange todas as partes do globo habitadas pelos cristãos (função religiosa) exercia também um certo papel político. Pela divisa e pelas armas postas em cima, assinalava assim a presença do rei português e cristão (função política). Ao lado destas duas funções, surge a terceira, tão importante como as precedentes, a função revelada por Cortesão¹⁹ — a cruz como base de todos os símbolos de orientação devia indicar o sítio em que as tripulações que seguiam o caminho traçado pelas naus e caravelas de Cabral poderiam abastecer-se de água e o ponto de despedida aos degradados encarregados de conhecer costumes e línguas indígenas. Na cruz concentram-se então, como numa lente, todos os objectivos determinadores dos descobrimentos portugueses. Veremos já que a figura deste símbolo cristão se converteu também num polo muito

¹⁸ M.Éma Tarracha Ferreira, op. cit., p. 21.

¹⁹ Jaime Cortesão, *Os Descobrimientos Portugueses*, Lisboa 1975-1976, p. 1027.

importante que permitia aos marinheiros de Cabral contactar com os índios.

No primeiro domingo depois de Páscoa (o domingo de Pascoela) Cabral deu ordem ao Frei Henrique Soares, guardião dos franciscanos que tinham embarcado com o fito de seguir a viagem até a Índia, de dizer a missa que devia inaugurar no sentido litúrgico a estadia dos portugueses nesta terra. No fragmento da „Carta” dedicado à missa inaugural, ou mais precisamente, ao sermão pronunciado num ambiente muito elevado, surge o símbolo da cruz:

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção.²⁰

Desta maneira, Caminha sublinha mais uma vez o empenhamento ideológico e religioso dos descobridores, a cruz sendo considerada como essência da fé católica. A missa do 26 de Abril merece ainda o nosso interesse do ponto de vista da co-existência de dois grupos étnicos: autóctone e alheia:

Enquanto estivemos à missa e a pregação, senta na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço.²¹

É difícil definirmos atitude dos índios em relação aos ofícios de Henrique Soares. Se no início se limitavam a uma simples observação, começam depois a tocar instrumentos musicais e a dançar. Poder-se-á interpretar este segundo comportamento como manifestação da impaciência de pessoas inabitadas a esse tipo de culto; ou, de modo totalmente

²⁰ Pêro Vaz de Caminha, op. cit., p. 74.

²¹ *Ibidem*.

diferente, como sinal do pressentimento instintivo de que um acontecimento solene estava a ocorrer. Neste contexto „danças e saltos” dos índios significariam um modo primitivo de anunciar uma certa união com os cristãos que ia realizar-se. Não obstante, nesse momento, os índios e os portugueses preservaram ainda uma relativa distância. Quando no dia 28 de Abril os carpinteiros de Cabral tinham começado a talhar a cruz, os indígenas aproximaram-se. Não obstante Caminha evita a interpretação deste comportamento como efeito da atracção da cruz, vendo-o antes como manifestação do interesse pelo ferro, matéria ainda desconhecida na parte do mundo explorada então pelos portugueses de Cabral. O que acaba de ser dito constituiu mais um exemplo da virgindade civilizacional dos habitantes da Terra da Vera Cruz mencionada no grupo dos factores que facilitariam a evangelização. Dois dias mais tarde, o capitão dirigindo-se à cruz ainda não fincada definitivamente, sublinhou o papel de vulto deste símbolo da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Nesta situação o comportamento dos índios revelou uma capacidade promissora de muito fruto aos portugueses - evangelizadores:

Quando saímos do batei, disse o capitão que seria bom irmos directos à cruz, que estava encostada a uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta feira, e que nos pusessemos todos em joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E, assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam acenaram-lhe que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la.²²

As manifestações do respeito religioso dos portugueses perante a cruz (a ajoelhação) originaram uma reacção semelhante por parte de alguns índios. O seu surpreendente talento para imitar gestos poderia sugerir que iam seguir o exemplo dos cristãos a um nível muito mais profundo: o da compreensão e da recepção das verdades da fé. Um grupo de oitenta pessoas assistiu aos últimos trabalhos dos carpinteiros de Cabral, número que, comparado às dez ou doze pessoas precedentes, faz pensar no crescimento da confiança e do interesse prestado pelos habitantes da Terra da Vera Cruz. A grande parte deste conjunto de pessoas participou na missa dita por Frei Henrique causando uma tão forte impressão de natural

²² *Ibidem*, p. 90.

e intuitivo empanhamento que comoveu compatriotas de Caminha. Durante a comunhão, teve lugar um acontecimento que deve ter confirmado de forma definitiva o seu optimismo relativamente à fácil evangelização dos indígenas:

Um deles, homem de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, continou ali com aqueles que ficaram, esse, estando nós assim, ajuntava estes, que ali ficaram, e ainda chamava outros. E andando assim entre eles falando, lhes acenou com o dedo para o altar e depois apontou o dedo para o céu u, como se lhes dissesse alguma coisa de bem, e nós assim o tomámos.²³

Concluimos então que essa segunda missa termina a etapa seguinte na evolução das relações entre representantes de dois povos. Nesta, os índios ultrapassaram o limiar que separava o estado da mera observação dos comportamentos dos portugueses para passarem a imitá-los. Esse quinquagenário, tendo associado o visível, o concreto com o céu e Deus (pelo menos foi o que esperava Caminha), conseguiu romper o obsáculo (falta de idioma comum) que bloqueava de certeza a comunicação, mas que não tornava vão o anúncio da boa nova. Nos últimos momentos da sua estadia, os portugueses começaram a introduzir, ou melhor, a impor delicadamente os seus costumes:

Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse (...). Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior quanto a vergonha.²⁴

Se bem que a moça não prestasse muita atenção em „cobrir suas vergonhas”, Caminha não parecia escandalizado; ao contrário, interpretou este comportamento, mais uma vez, como uma prova óbvia da inocência, nesta ocasião, comparada directamente à de Adão. Observando uma rigorosa modéstia, Caminha nunca enalteece a civilização europeia para humilhar os índios. E, sem sombra de dúvida, justificada a tese avançada

²³ *Ibidem*, p. 94.

²⁴ *Ibidem*, p. 96.

por Margarida Barradas de Carvalho, segundo a qual o texto de de Caminha, à diferença de, por exemplo, os de Gomes Eanes de Zurara, está livre de qualquer pensamento sobre a salvação das almas dos indígenas pela sujeição e/ou escravização dos seus corpos.²⁵ Caminha, sem se atastar de posição missionária, costumava adoptar atitude de tolerância e de compreensão, rejeitando a violência e a lei baseada na vontade de mais forte.

Ao rematar o seu escrito ao rei Dom Manuel I, Caminha volta a exprimir um enorme optimismo. Enumera outra vez qualidades que favorecem a cristianização e destaca apenas uma dificuldade (a impossibilidade da comunicação verbal), obstáculo que, pelo menos parcialmente, pareceu, como temos visto, ser ultrapassado:

E segundo que mim e a todos pareceu esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristão senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos (...). E bem creio que se Vossa Alteza. E por isso, se algum vier, não deixe aqui mandar entre eles mais devagar ande que todos serão tomados ao desejo de Vossa Alteza.²⁶

Este postulado encaminhado ao monarca demonstra de uma vez por todas a preponderância, entre os objectivos determinados pelo autor, dos de natureza religiosa ou, mais precisamente, missionária sobre os propósitos de carácter mercantil. Naturalmente, Caminha descreve sumariamente os recursos da terra visitada (arvores, serião, águas), expressando cepticismo quanto à possibilidade de explorar metais preciosos (ouro, prata), mas declara numa das últimas frases: "O melhor fruto que dela (da terra) se pode tirar me parece que será salvar esta gente"²⁷ o que já não necessita nenhum comentário suplementar.

²⁵ Margarida Barradas Carvalho, *L'Idéologie Religieuse dans la "Carta" de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa 1960, p. 7.

²⁶ Pêro Vaz de Caminha, op. cit., p. 95.

²⁷ *Ibidem*, p. 97.

3. Conclusão

Para concluir o nosso trabalho, tentemos situar a „Carta” de Pêro Vaz de Caminha no contexto mais amplo dos relatos posteriores referentes à presença portuguesa no Brasil. Muitos exemplos recolhidos por J.S. da Silva Dias desiludem-nos com muita brutalidade. Em lugar de „bom selvagem”, surge o índio „bestial, desumano, cruel e indisposto para receber a Fé”.²⁸ Alfredo Margarido provou que essa transformação da óptica portuguesa perante o ameríndio tem as suas reminiscências nas representações plásticas. O índio como um dos magos do políptico do início do século XVI da catedral de Viseu, onde foi integrado com a Santa Família, passou a ser, numa tela dos meados desse século, um elemento do meio infernal.²⁹ Alfredo Margarido destaca também que os autores posteriores a Caminha se importavam cada vez menos com a diferenciação nítida entre a cor dos índios (parda) e a dos negros da Guiné. A tendência para o preto nas descrições relativas aos habitantes do Brasil corresponde à perda do estatuto privilegiado destes no olhar dos europeus.³⁰ Esta passagem da perspectiva em que o índio é o sinónimo da ingenuidade para a que sublinha, antes de mais nada, as suas características negativas (antropofagia, infanticídio e poligamia) pode ser explicada pela atitude a priori positiva de Caminha concentrado em valores que ocupavam graus superiores na tradicional escala axiológica da civilização europeia. Os que chegaram depois da inauguração da colonização efectiva da Terra da Vera Cruz obtiveram um conhecimento mais profundo e completo (Caminha estabeleceu contactos com um grupo étnico só), menos idealista da realidade brasileira (da terra e dos habitantes) e, por outro lado, a par dos missionários, o que interessava aos viajantes era o proveito material.³¹

²⁸ José Sebastião da Silva Dias, *Os Descobrimientos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa 1982, pp. 226-238.

²⁹ A. Margarido, op. cit., pp. 523-524.

³⁰ *Ibidem*, p. 551.

³¹ Agradeço a Dora I. Batalim pela sua preciosa ajuda.

Bibliografia

O original da „Carta” encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa.

Edições consultadas:

1. *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*. Com um estudo de Jaime Cortesão, Livros de Portugal Lda, Rio de Janeiro 1943.
2. *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D.Manuel sobre o achamento do Brasil*, Estudo introdutório e notas de Maria Paula Caetano e Neves Aguas, Publicações Europa-América, Lisboa 1987.

Obras de apoio:

1. Barreto, Luís Filipe, Descobrimentos e Renascimento, Imprensa Nacional/Casa de Moeda, Lisboa 1983.
2. Barreto, Luís Filipe, Os Descobrimentos e a Ordem do Saber, Gradiva, Lisboa 1987.
3. Carvalho, Margarida Barradas de, L'Ideologie Religieuse dans la Carta de Pêro Vaz de Caminha, Livraria Bertrand, Lisboa 1960.
4. Cortesão, Jaime, Os Descobrimentos Portugueses, Livros Horizonte, Lisboa 1975-1976.
5. Dias, José Sebastião da Silva, Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI, Editorial Presença, Lisboa 1982.
6. Ferreira, Maria Ema Tarracha, Literatura dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Editora Ulisseia, Lisboa 1993.
7. Margarido, Alfredo, La Vision de l'Autre (Africain et Indien d'Amérique) dans la Renaissance Portugaise, In: L'Humanisme Portugais et l'Europe-Actes du XXI^e Colloque International d'Etudes Humanistes, Fondation Calouste Gulbenkian — Centre Culturel Portugais, Paris 1984.
8. Neves, João Alves das, Um Texto histórico ou jornalístico, In: „Nova Renascença”, Outono de 1983, v.IV, pp. 330-345.
9. Pereira, Sívio Baptista, Vocabulário da Carta de Pêro Vaz de Caminha, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro 1964.

10. Silva, António da, Dimensão evangelizadora dos Descobrimentos Portugueses, In: „Brotéria” Outubro 1988, pp. 245-260.